

Professores universitários não estão predispostos a denunciar fraude académica

Um estudo do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra conclui que há uma inibição da denúncia da fraude académica por parte dos docentes, motivada pelo grau de desconfiança nos processos administrativos da instituição.



EPA/MARTIAL TREZZINI

Os professores universitários não estão predispostos para denunciar situações de fraude académica e plágio, devido, em parte, a um "grau de desconfiança e descrença nos processos administrativos" e na "capacidade punitiva" das instituições do ensino superior português, disse à agência Lusa o coordenador do projeto "A ética dos alunos e a tolerância de professores e instituições perante a fraude académica no ensino superior", Filipe Almeida.

Outra das explicações avançadas pelo investigador para os docentes não estarem "absolutamente comprometidos no combate à fraude" centra-se com o facto de a avaliação da carreira docente universitária estar focada "na dimensão científica e não na pedagógica".

Os incentivos são "poucos" para que os professores "se preocupem com o que se passa na sala de aula",

sendo que dos 2.727 docentes inquiridos, 30% não sabia "sequer se havia algum código de conduta ou ética na sua instituição".

"Isto sinaliza o descompromisso", afirmou o coordenador do projeto, que apresenta hoje à tarde, na Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, os livros "Fraude e Plágio na Universidade" e "A fraude Académica no Ensino Superior em Portugal", resultantes do projeto de investigação, que decorreu entre 2008 e 2015.

Os resultados do estudo relativos ao questionário a 7.292 alunos de 101 instituições do ensino superior de Portugal, já noticiados pela agência Lusa em 2014, demonstram que os estudantes têm uma perceção de que a fraude é "generalizada".

Dos inquiridos, 54,2% considera que se copia para trabalhos com alguma regularidade, mais de 70% considera que se usam cábulas com frequência em exame escrito, 73% dos alunos admitem que apresentariam o mesmo trabalho em várias disciplinas, 65% que forneceriam respostas a um colega no exame e 52% que copiariam.

Homens, estudantes e de famílias com mais rendimentos

Homens, estudantes que frequentaram escolas privadas, que vêm de famílias com mais rendimentos e que têm pessoas no núcleo familiar com formação superior estão mais predispostos a cometer fraude, conclui o estudo.

Quanto a "inibidores" da prática de fraude, os estudantes elegem a relação de proximidade entre docentes e alunos como fator que "inibiria a prática fraudulenta", notou Filipe Almeida, sublinhando que os professores, por outro lado, não consideram a proximidade como um fator de inibição.

Segundo o investigador, "não é possível combater a fraude sem uma mudança multidimensional".

Para Filipe Almeida, seria necessário políticas dirigidas "para os docentes, para os estudantes e para as instituições", combatendo de forma sistémica, com toda a gente "comprometida" com esse combate.

"Mais do que agravar as penas, é as instituições levarem até às últimas consequências os processos de fraude, de forma a se atribuir uma cultura de exigência", salientou o investigador.

artigo do parceiro: Nuno Noronha